



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade da entrega simbólica de 225 toneladas de alimentos para o Programa Fome Zero

Fábrica da Ford, São Bernardo do Campo-SP, 29 de maio de 2003

Meu caro Geraldo Alckmin, governador do estado de São Paulo,
Meu caro Richard, presidente da Ford na América do Sul,
Meu companheiro Maciel, presidente da Ford do Brasil,
Meus companheiros deputados estaduais,
Meu caro Meneghelli, que agora é presidente do SESI,
Companheiro Vicentinho,
Companheiro Marinho,
Companheiro Feijó,
Companheiro Daniel,
Companheiro Armando,
Meus companheiros ministros,
Minha companheira Marisa,
Prefeitos da região de Diadema,

Estou vendo o Ramon, estou vendo o Felipe, quem mais está aqui? Estou vendo o Jeová Mileno; estou vendo o Oswaldo, de Mauá; estou vendo o Dib, de São Bernardo; estou vendo os companheiros da comissão de fábrica; estou vendo o nosso Vice, companheiro de Ribeirão Pires.

Cadê Jandira, que eu não vi ainda? Cada vez que eu vejo a Jandira, eu dou um beijo nela.

Em primeiro lugar, eu quero dizer ao senhor Richard e ao Maciel, na frente dos trabalhadores e de vocês que, se para lançar um novo produto aqui, for preciso convidar o Presidente mundial da Ford para vir ao Brasil, ele já estará convidado. Eu



e o Alckmin o receberemos muito bem. Se for preciso que alguém do Governo vá aos Estados Unidos, nós também mandaremos gente do Governo até lá. O que interessa, na verdade, é que a gente garanta a oportunidade de as pessoas trabalharem aqui, no Brasil.

Até porque eu acho que nada dignifica mais um ser humano do que viver às suas próprias custas, não precisar de ninguém para alimentar sua família e comprar tudo o que precisa para sua casa. Nós precisamos de amizade, de carinho, mas eu acho que nós nos sentimos bem trabalhando e recebendo, no final do mês, aquilo que merecemos pelo nosso trabalho.

Eu não sei — Meneghelli, Marinho, o companheiro Vicentinho, Feijó, Betão, Janjão, falta o nosso Bagaço, que está em Juazeiro, na Bahia, companheiros da comissão de fábrica —, eu não sei se todo mundo tem a exata noção do que significa um ato desses dentro da Ford. Quero dizer para os mais jovens, e a maioria aqui é muito jovem, que eu frequento a porta da Ford desde 1967. Portanto, há 36 anos eu venho à porta desta Ford, e quando eu vinha à sua porta, Maciel, havia muito conflito.

Eu me esqueci de falar do meu companheiro João Felício, que é o atual presidente da CUT, e está aqui presente; do Oded Grajew, que é um dos coordenadores do Programa Fome Zero; do nosso Graziano, que é o ministro e o coordenador do Programa Fome Zero; do Celso Amorim, que é o homem responsável pela nossa política internacional.

Mas, viu, Maciel, quando a gente vinha aqui havia muito conflito. Hoje, eu vejo você chamar os funcionários companheiros de companheiros e eles aplaudem você. Somente quem viveu outros tempos, aqui mesmo, é que pode notar essa diferença. Nem tudo foi maravilha na relação do sindicato com a Ford, na relação dos trabalhadores com os empregadores. Houve muita guerra para que a gente tivesse paz. O que é importante é que nós conquistamos um padrão de relacionamento que, em poucos lugares do mundo, a gente tem.



Falam que os Estados Unidos são mais democráticos, que a Alemanha é mais avançada; eu duvido que exista em algum lugar do mundo o relacionamento que existe entre os trabalhadores da indústria automobilística brasileira e os seus empregadores.

Eu duvido que haja uma capacidade produtiva maior, em qualquer país do mundo, do que a dos trabalhadores brasileiros, além da criatividade e dedicação. Porque se há uma coisa que nós temos diferente dos outros, primeiro, é a nossa mistura com a África; segundo, é a alegria estampada na alma de cada brasileiro.

A gente costuma fazer as coisas com prazer, mesmo quando está zangado, mesmo quando a gente não gosta.

Por exemplo, quando você falou do Corinthians, vi até santista, palmeirense, bater palmas. Isso é uma demonstração de que não é através do futebol que a gente vai fazer nossa guerra. A nossa guerra a gente vai fazendo contra as injustiças sociais que existem neste país, e precisamos acabar com elas.

Mas a minha alegria de estar aqui é porque eu vivi aqui, talvez, a primeira ou a segunda assembléia mais importante da minha vida. Na ex-linha de montagem, o pessoal usava naquela época, um macacão azul, igual ao que eu estou vendo aqui. O Ratinho trabalhava lá. Foi na época da famosa greve de 1978. A Ford estava parada há 15 dias, e o Meneghelli e o Guiba eram da comissão de fábrica. Nós fizemos um acordo, um acordo até interessante, o Lima também estava aqui, o Armando estava na Villares, ainda. Nós fizemos um acordo de 11%, considerado bom para a época, mas a gente estava tão radicalizado, que não havia argumento que convencesse a peãozada a aceitar o acordo.

Vimos eu e o dr. Maurício, depois de uma reunião, e havia gente em cima das máquinas, todos nós estávamos muito nervosos — não sei se vocês conheceram o nosso querido Ratinho, o finado Ratinho, os mais velhos certamente o conheceram — e foi uma assembléia muito tensa, nós tivemos uma votação. O Betão estava, era um dos radicais. Cadê o Betão? Está por aqui. O Betão, o Bagaço... e o pessoal aprovou. O Janjão tem uma história, Maciel: o sindicato estava



sob intervenção, o Murilo Macedo era ministro do Trabalho, e eu fiquei sabendo, por meio do Joaquinção, em São Paulo, e por meio do dr. Maurício, que o Murilo Macedo estava procurando alguém que quisesse assumir a Direção do sindicato, porque eles não queriam confrontação.

O dr. Maurício me contou, e eu falei: “vamos dar um golpe no Murilo Macedo”. Eu escolhi uma turma de peões aqui em São Bernardo, dentre os quais o Janjão, que era filiado ao PT; mandei que ele se livrasse da ficha do PT. Ele já era meu compadre, e mandamos o dr. Maurício levar uma lista de interventores para o Murilo Macedo, dizendo que eram pessoas com as quais eu não iria criar nenhum problema, porque eu as respeitava; mal sabia o Murilo Macedo que estava colocando um compadre meu para participar de uma Junta de Intervenção no sindicato. Com isso nós mudamos e recuperamos o sindicato. Um ano depois elegemos o companheiro Meneghelli presidente do sindicato.

Naquela assembléia, a gente votou favoravelmente pelo fim da greve depois de muita tensão. Quando eu cheguei em casa, recebi um telefonema: “Lula, tem gente que não voltou a trabalhar, tem gente que não aceitou”. Eu sempre achei que, quando um homem dá a palavra, ela vale tanto quanto qualquer documento assinado, em qualquer lugar do mundo. Eu me lembro que fui ao sindicato e falei para a Diretoria: “Olhem, nós fizemos um acordo, esse acordo tem a minha assinatura, a maioria do pessoal aprovou; se a maioria aprovou, significa que a regra democrática foi cumprida. Vocês vão para dentro da Ford e vão fazer os companheiros voltarem a trabalhar”. E vieram aqui o Janjão e outros companheiros, que aceitaram voltar a trabalhar, numa demonstração de que há muito tempo a gente pratica a democracia nessa categoria de trabalhadores. Essa foi a greve, eu diria, dentro de fábrica, mais importante, mais tensa, mais nervosa, mas fizemos um bom acordo.

De lá para cá, eu acho que só houve evolução nessa relação. As comissões de fábrica começaram muito problemáticas, havia muita tensão, muita disputa entre membros da comissão e a chefia. Eu acho que hoje, quando a gente vê essa



relação entre a Direção da empresa, entre as comissões de fábrica e os trabalhadores, quando a gente vê uma empresa se preocupando com o social – e não é de hoje, porque desde 93 esses companheiros fazem ação social para ajudar outras pessoas que não tiveram a mesma sorte –, a gente é obrigado a dizer que tem poucos países do mundo em que a relação capital e trabalho e alguns setores da economia estejam tão avançados como está a indústria automobilística. Eu quero dar parabéns a vocês, à comissão de fábrica e à Direção da Ford por esse comportamento.

A segunda coisa que eu queria dizer é o seguinte: quando vocês me elegeram, vocês estavam plantando, no nosso roçado, uma nova árvore. Na verdade, vocês me elegeram para que a gente mude a política econômica do Brasil, para que a gente faça o Brasil voltar a crescer, gerar empregos e distribuir renda. Se tem uma coisa que me faz bem quando olho na cara de cada um de vocês, é lembrar a grande maioria das palavras que eu falei na porta dessas fábricas desde 1967, e durante todo o tempo em que eu fui candidato, desde 82.

Eu tenho gravado, na minha cabeça, não posso esquecer um minuto sequer, cada compromisso que eu tenho e a minha responsabilidade de fazer as coisas neste país. E tenho consciência de que vamos fazer, porque, muitas vezes, governar é como plantar uma árvore. Você pode estar com fome, mas se você plantar feijão, você vai ter que esperar 90 dias; se você plantar um pé de soja, vai esperar 100, 110 dias; se você plantar um pé de milho, vai esperar 18 meses; se você plantar um pé de café, vai esperar 3 anos; com um pé de laranja é a mesma coisa. A verdade é que nós plantamos alguma coisa neste país, e quando a gente planta a gente tem que adubar, a gente tem que jogar água, tem que regar sempre, para que esse pé de árvore nasça forte e frondoso, e não morra com a primeira ventania e com a primeira seca.

Nós estamos há cinco meses no Governo. Cada ministro meu sabe exatamente o que nós temos que fazer. Primeiro temos que preparar a casa, temos que fazer os arranjos necessários. Nós ganhamos as eleições, tomamos posse,



montamos o Governo – poucas vezes, na história, alguém montou um Governo com a qualidade do que eu montei – e começamos a trabalhar. Primeiro, era preciso que a gente tomasse medidas para evitar que a inflação voltasse neste país. Nós, que fizemos parte da vida política na porta de fábricas, brigando contra a inflação, não poderíamos permitir que a inflação voltasse. Hoje, passados cinco meses, há vários indícios de que a inflação está sob controle e a tendência é cair, para se reduzir a taxa juros. E aí, contamos com a diversidade, como disse o Maciel aqui.

Não é justo que algumas coisas na economia aconteçam como no caso da indústria automobilística, em que o aço sobe infinitamente mais que a inflação, e o argumento para aumentar é o fato de o aço estar dolarizado. Se o aço está dolarizado, tudo bem, mas quando o dólar desce, então que desça o preço do aço. O que não pode é o dólar cair, e o preço do produto não cair. Que dolarização é essa?

Vamos pegar o caso da Petrobrás. O Presidente da Petrobrás anunciou, na televisão, a redução de 10% no preço da gasolina, 30 e poucos por cento no preço da nafta, 20 e poucos por cento no preço do óleo combustível e 10% no óleo diesel. O que nós constatamos um mês depois? Que na região Sul do país o preço caiu 5%; na região Sudeste, sem nenhuma explicação, caiu só 3,2%; na região Nordeste, que é a região mais pobre do Brasil, só caiu 1,9%. Este não pode ser um país onde algumas pessoas pensam que são mais espertas do que as outras e, portanto, podem fazer o que bem entendem. Nós criamos um Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, juntamos empresários, trabalhadores, intelectuais, deputados, representantes de partidos políticos, e estamos tentando construir as coisas conjuntamente, no sentido de amadurecer a sociedade brasileira para acabar com aqueles que ainda acham que podem viver à base da trambicagem. Nós estamos, como diria o meu lado musical, afinando a orquestra. E logo o espetáculo do crescimento vai começar a acontecer no nosso querido país.

Não pensem que o Palocci ou o Meirelles não querem que os juros caiam. Tanto eles, quanto vocês, devem dormir todo santo dia imaginando o momento de



reduzir os juros. Acontece que para reduzir é preciso construir bases sólidas, para não reduzir em um mês e ter que aumentar no mês seguinte, porque aí perde-se a credibilidade. Vocês sabem que, em política, quem perdeu a credibilidade não a recupera mais. E nós não vamos perder. É por isso que eu quero dizer à Direção da Ford, à comissão de fábrica e aos trabalhadores: eu, todo dia vou dormir e todo dia me levanto com uma certeza absoluta: a de que nós vamos cumprir cada compromisso assumido durante a campanha de 2002. E vamos cumprir com tranqüilidade.

Quero aproveitar para dar os parabéns ao governador Alckmin. Todas as vezes em que eu o chamei a Brasília para que a gente pudesse estabelecer políticas harmônicas para trabalhar em conjunto, ele não só compareceu, como tem dado uma contribuição extraordinária, inclusive orientando os deputados do PSDB para votarem nas reformas que nós precisamos. Tenho certeza de que vamos continuar trabalhando juntos, porque muita coisa tem que ser feita de comum acordo entre governadores, Presidente da República, prefeitos, empresários e outros segmentos da sociedade.

O que me dá mais orgulho é poder vir à porta de uma fábrica, como eu vim tantas vezes, às vezes para xingar; quantas vezes eu xinguei a Direção da Ford, e quantas vezes a Direção da Ford deve ter me xingado aqui dentro, quantas vezes! E o que aconteceu? Nós ficamos adultos, amadurecemos e, hoje, eu estou aqui na frente de vocês cumprimentando o Maciel, certo de que o que eu penso para o desenvolvimento deste país, o que eu penso para a economia deste país, é o mesmo que pensa o Marinho, é o mesmo que pensa o Maciel.

Embora ele esteja do lado empresarial, eu seja Presidente da República e o Marinho, dirigente sindical, nós sabemos que se não houver a empresa, não haverá emprego; se não houver emprego, não haverá renda; se não houver renda, não haverá comida; se não houver comida, será a desgraça total neste ou em qualquer outro país.

Nós fizemos um trabalho extraordinário, meu ministro Celso Amorim deu uma



contribuição estupenda para tentar integrar a América do Sul. Os Presidentes da América do Sul são muito desconfiados com o Brasil, porque o Brasil é o maior, o Brasil tem mais indústria, o Brasil é o mais rico.

As pessoas ficam sempre com medo do maior, sempre com medo de ele engolir os outros, porque tem mais indústria, porque “não vai haver uma relação comercial igualitária, porque o Brasil vai nos sufocar.” O mesmo medo que nós temos dos americanos eles têm da gente, essa é a verdade.

A primeira coisa a fazer é estabelecer confiança. Todos vocês sabem o que é estabelecer confiança.

Política é assim. Vocês estão lembrados que quando nós chegamos ao Governo, a Venezuela estava em pé de guerra, e a imprensa brasileira dizia todo dia: “O presidente Chávez vai cair, porque a sociedade está contra ele.” O que nós fizemos? Criamos um grupo de amigos, começamos a conversar com a Venezuela e, hoje, a Venezuela voltou ao equilíbrio normal, reconhece o seu Presidente, e para fazer um referendo, vai ter que cumprir as regras da Constituição.

Argentina e Brasil sempre tiveram divergências, não apenas no futebol, mas sempre tiveram divergências muito sérias. Só para vocês terem uma idéia dessas divergências, quando o Brasil estava fazendo a Itaipu, os militares argentinos diziam que Itaipu era uma espécie de bomba atômica contra a Argentina, que, no caso de um conflito, as comportas se abririam e a afundariam. E, por conta de Itaipu, a Argentina começou a pensar em construir bomba atômica.

Nós estivemos com o Presidente da Bolívia. Ele disse: “A vida inteira me disseram que o Brasil era de um imperialismo que iria sufocar a nossa economia.” E eu, conversando, disse a ele: “Nós não vamos querer ter uma relação hegemônica com vocês, nós não vamos querer acabar com a economia de ninguém, nós queremos parceria, nós queremos viver como companheiros. Se a gente não se juntar, não teremos condição de competir com os blocos econômicos fortes como os Estados Unidos e a União Européia. Nós temos que estar juntos.”

Vocês estão lembrados de que, em 1975, eu dizia o mesmo para vocês. Eu



vinha aqui à porta da Ford e dizia: “Companheiros e companheiras, os trabalhadores desunidos – eu me lembro que até pegava feixinho de madeira para quebrar aqui –, sozinhos, cada um é uma varinha, mas se juntarmos um monte de varas elas viram um feixe forte e a gente não consegue ser quebrado”. Olhem que bonito, que feixe inquebrantável vocês estão formando aqui.

Na política também é assim. Na política, você vai costurando as coisas, não há mais ciúmeira entre o Brasil e a Argentina. A Argentina tomou consciência de que é pobre, o Brasil tomou consciência de que é pobre. Ou nós nos juntamos e brigamos juntos ou, sozinhos, não vamos encontrar saída. Essa é uma lógica.

Agora vamos para a África, com a qual nós temos identidade e com a qual jamais deveríamos ter deixado a relação ficar tão distante. Depois, Maciel, nós vamos para o Oriente Médio. Há milhares de árabes morando no Brasil. Mas a nossa política com o Oriente Médio é pequena. Agora, que os Estados Unidos brigaram com o Iraque e que o Oriente Médio está meio “ouriçado”, está na hora de o Brasil aparecer lá, de forma generosa, oferecendo negócios para eles, oferecendo oportunidades, não só para comprarem os nossos produtos, mas para que a gente compre os deles e eles possam, também, investir no Brasil. Nós temos a China, a Índia.

Estamos fazendo as coisas como precisam ser feitas, sem pressa. Com os passos necessários que têm que ser dados para não estragar a lavoura. Muita chuva mata a lavoura. Nordeste sabe bem disso, passa o ano inteiro chorando a seca, aí, quando vem chuva, vem uma trovoada e pronto, acaba com o que ele plantou. Nós queremos que vocês adubem esse Governo com o cuidado necessário de quem quer colher uma boa safra. E podem ficar certos de que nós vamos colher.

Podem ficar certos de que, no dia em que eu não puder vir à porta de uma fábrica conversar, como eu estou conversando hoje, é porque, na verdade, eu não cumpri o que eu prometi a vocês. E eu quero, como a maior conquista da minha vida, não perder um direito que eu conquistei, que é o direito de andar de cabeça erguida, de olhar o meu companheiro no olho e chamá-lo de companheiro. Isso eu



quero fazer pelos quatro cantos do Brasil, independentemente da situação, porque também, Maciel, esse povo, quando você fala a verdade para ele, mesmo que a situação não seja boa, ele compreende. As pessoas compreendem porque elas têm família. Elas sabem da dificuldade dentro da casa delas. É melhor dizer a verdade, por mais dura que ela seja, porque senão a gente perde a confiança e a credibilidade. Essa é uma relação que nós precisamos criar.

Pela primeira vez vocês vão ter um Presidente da República que não vai, na hora de um conflito, se trancar dentro de uma sala. Onde quiserem e onde eu puder ir, podem ficar certos de que eu estarei lá conversando, discutindo, falando, porque ou nós estabelecemos essa relação de confiabilidade entre nós ou a gente não leva o Brasil a lugar nenhum.

Maciel, quase todos os empresários que, publicamente, sei que trabalharam contra mim na campanha, já os chamei para conversar no Palácio do Planalto. E os tratei como eu trato o Marinho, quando vai lá. Tratei igual eu trato o Meneghelli ou o Vicentinho, quando vão lá. Porque eu não ganhei as eleições para governar para o meu umbigo, eu ganhei as eleições para governar para 175 milhões de brasileiros, independentemente do que eles pensam. As pessoas têm direitos e têm deveres.

Por isso, meu companheiro, eu estou agradecido de estar aqui. Aos companheiros da comissão de fábrica, ao companheiro Feijó, ao companheiro Marinho, presidente e futuro presidente do sindicato, ao companheiro Meneghelli, meu companheiro de muitos anos, e a todos vocês, eu quero agradecer por essa obra-prima, porque quem come, muitas vezes, não sabe o que é a fome. Da fome, só sabe mesmo quem já passou. Muitas vezes a pessoa que está em casa comendo não sabe o que é uma mãe com cinco ou seis filhos, agarrados no rabo da saia, pedindo a comida que não há. Não sabe o que é uma mãe ir dormir com cinco, seis ou sete filhos – porque quanto mais pobre, mais filhos tem – ir deitar sem ter tomado uma sopa de feijão.

O que vocês estão fazendo aqui é mais do que um gesto humanitário, o que vocês estão fazendo aqui é a demonstração de que um governo que tem o povo que



tem, como o governo brasileiro, não deve dizer que não pode fazer as coisas. Toda vez que tiver dificuldades, tenha humildade e peça ajuda ao povo, que o povo fará pelo Brasil o que vocês estão fazendo pelo programa Fome Zero.

Muito obrigado à Direção da Ford, muito obrigado aos trabalhadores e até outro dia, se Deus quiser.

/rss/cms